



## A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL EM SERTANÍLIAS<sup>1</sup>

### THE CONSTRUCTION OF REGIONAL IDENTITY IN SERTANÍLIAS

Tatiana Cíntia da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva compreender como a Identidade Regional foi construída no livro *Sertanílias: Romance de Cavalaria*, de Elomar Figueira Mello. Outrossim, verificaremos a inteligência criativa e as memórias do autor, via autoficção, com o intento de melhor interpretar o *Sertão Profundo*, tendo em vista que essa expressão tecida por Elomar possibilita um sertão entre fronteiras espaço-temporais pelo viés do fantástico e se fundamenta pelas estruturas do super-regionalismo. Como metodologia investigativa para adentrar no constructo elomariano, faremos incursões em torno do cavaleiro-vaqueiro, Sertano; de Elomar, enquanto elemento ficcional; e, de alguns elementos fantásticos que evidenciem o esteio do sertão ficcionalizado na obra em análise. Pretendendo refletir sobre os elementos ora citados, este estudo dialogará com teóricos que tratem dos princípios de identidade, regionalismo, fantástico, autoficção, memória e de conceitos relevantes à fortuna crítica, notadamente: Bauman (2005), Bhabha (1998), Candido (1989), Todorov (2014), Prelorentzou (2017), Nora (1993) e outros.

**Palavras-chave:** Identidade Regional. Sertanílias. *Sertão Profundo*.

**Abstract:** This article have as an objective to understand how the Regional Identity was built in the book *Sertanílias: Romance de Cavalaria*, by Elomar Figueira Mello. Furthermore, we will check the author's creative intellection and memories, via self-fiction, with the intention of better interpreting the *Sertão Profundo*, given that this expression woven by Elomar enables a backwoods between space-time boundaries through the bias of the fantastic and is based on the structures of the super-regionalism. As an investigative methodology to enter the Elomarian construct, we will make inroads around the rider-cowboy, Sertano; Elomar, as a fictional element; and, of some fantastic elements that show the mainstay of the fictionalized sertão in the work under analysis. Intending to reflect on the elements now cited, this study will dialogue with theorists who deal with the principles of identity, regionalism, fantastic, self-fiction, memory and concepts relevant to critical fortune, notably: Bauman (2005), Bhabha (1998), Candido (1989), Albuquerque Júnior (2011), Todorov (2014), Prelorentzou (2017), Nora (1993) and others.

**Keywords:** Regional Identity. Sertanílias. *Sertão Profundo*.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 12 de novembro de 2020 e aceito em 18 de dezembro de 2020.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras – Estudos Literários – pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora de Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD). Integra o Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL). E-mail: tatiana.cintia@bol.com.br e ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1987-0415>.

## Introdução

O conceito de identidade foi criado por uma ficção, não pela experiência humana, tentaremos compreender essa “não naturalidade” da Identidade Nacional pelo viés da memória para melhor chegar aos conceitos de construção da Identidade Regional no livro *Sertanílias: Romance de Cavalaria*, de Elomar Figueira Mello pela autoficção, afinal, temos o duplo representado pela transfiguração da existência e da identidade do autor, mas indiferente à verossimilhança em muitas partes, pois não se trata de uma autobiografia. Além disso, como evidenciou Bauman (2005), as identidades vivem em trânsito, têm estruturas frágeis e provisórias; por isso, a externa busca pela “âncora”, como observaremos adiante.

O estudo sobre autoficção é primordial para se compreender como a voz de Elomar aparece tendo em vista uma consciência crítica do regional contemporâneo e que justifica tanto um retorno ao passado quanto a um momento atemporal, o que dará mais substâncias à questão das identidades plurais no livro em questão, por isso também incluiremos os estudos de Prelorentzou (2017).

Dialogaremos ainda com a concepção de um regionalismo consciente do subdesenvolvimento, não mais pelo pictórico exótico de certo nacionalismo equivocado, fruto de uma consciência eufórica ou de uma pré-consciência por um esquematismo regional e problemático advindo do romance social, ou seja, fundamentaremos o *Sertão Profundo* de Elomar pela propriedade do super-regionalismo, já que Candido (1989) deixa evidente o universalismo de uma literatura regional pelo irreal e insólito, o que ratifica a interlocução futura com Todorov (2014), já que este foi quem melhor nos introduziu os estudos acerca do subsídio fantástico na literatura. É válido salientar; porém, que o fantástico é um recurso usado pelo super-regionalismo do enredo estudado, mas não são elementos idênticos.

Embora Candido (1989) e Bhabha (1998) não se aliem e, até se excluam em muitas de suas concepções, também iremos vislumbrar um conceito deste último, o do “Terceiro Espaço”. Não queremos colocá-los em confronto ou equipará-los, mas mostrar que relativizando o lugar de cada um, ambos serão importantes para esta proposta. Homi Bhabha, ao tratar do local da cultura, contesta as centralidades e evidencia uma questão binária cultural, tratando de uma intersecção entre dois espaços já existentes em convergência e de um Terceiro Espaço como elemento para a articulação da diferença cultural e para o entendimento das fissuras, das alteridades e dos sujeitos descentrados; logo, irá auxiliar na perspectiva do hibridismo cultural do enredo analisado.

Dito isso, nosso objetivo é entender o “entre-lugar” como espaço sem as polaridades do discurso, um novo espaço interacional de realidades históricas descontínuas e passagens intersticiais para a dissolução temporal; logo, iremos também salientar como se apresentam os sujeitos pesquisados no espaço criado em *Sertanílias* sem as divisões habituais de tempo e espaço, uma vez que analisaremos um texto com traços da Literatura fantástica. Estudaremos, então, os elementos que estruturam as alteridades das identidades regionais produzidas e articuladas em *Sertanílias* pelo entre-lugar da narrativa fantástica e erigidos por Elomar via autoficção.

Ainda é válido salientar que trabalharemos tanto com método indutivo quanto com o dedutivo pois, para refletir sobre o espaço mnemônico do sertão e das fronteiras contidas na prosa de Elomar, teremos que aplicar, a princípio, questões particulares para chegarmos à generalização e a conclusões prováveis através da experiência analítica de comparações abstratas. No entanto, também faremos o inverso e seguiremos premissas já validadas por outros estudos e pesquisas, o que nos levará a hipóteses consideradas válidas; logo, concordamos com Candido quando ele fala que há diferentes formas de se representar a(s) identidade(s) regional/regionais, pois há uma referência tanto ambiental, quanto econômica e social.

### **Contextualização do *Corpus* e apresentação dos sujeitos pesquisados**

*Sertanílias: Romance de Cavalaria* é um livro do escritor baiano Elomar Figueira Mello e foi lançado em 2008. A referida obra tem 297 páginas, 28 ilustrações feitas a grafite pelo próprio autor e o enredo tem como fio condutor a busca de Sertano, cavaleiro-vaqueiro, pelos seus irmãos Urano e Zurai, os quais foram presos em combate e levados como escravos.

Há várias peculiaridades que envolvem o texto, inclusive quanto à nomenclatura da tipologia, já que temos um romance sertanejo aos moldes medievais – com traços de Novelas de Cavalaria –, mas que se amalgama a entrevistas em que ecoa a voz de um autor ficcional, cujo homônimo é Elomar e, fora essa autoficção consciente de uma análise da narrativa, a ficha catalográfica nos adverte que se trata de um pré-roteiro de cinema, como será claramente percebido nas cenas em que a câmera tenta se aproximar de Sertano.

No romance em estudo, há alteridades que destoam da construção de identidade sertaneja, pois não temos apenas a geografia do litoral da Bahia, pelo contrário, as personagens andarilham pelo tempo e pelo espaço em vários ambientes e todo o projeto narrativo elomariano é mais

político, ideológico e social que geográfico. Aliás, embora Elomar critique bastante os elementos da modernidade, a presença das fronteiras simbolicamente diluídas é resultado de uma Literatura bem moderna, ao menos no sentido de como a narratividade ocorre, uma vez que há fronteiras imaginárias entre identidades que se apresentam pelos espaços do *Sertão Profundo* em *Sertanílias*.

É válido salientar que o livro é o primeiro de uma série de quatro romances em ambiente agreste, com elementos medievais e que se andarilham por um espaço ficcional sem tempo e/ou espaços totalmente definidos, cheios de alusões a lendas locais, canções populares e, inclusive, do repertório musical do compositor Elomar. Ainda sobre o espaço, destacamos que o geográfico muda devido ao processo histórico e à ambientação sociocultural, o que também ocorre na narrativa, além de ela ser a releitura do mundo e o resultado de um projeto autoral.

Além disso, o romance é também o fruto das memórias históricas, míticas e estéticas assim como uma espécie de reconexão do autor com o sertão e com o medieval; logo, resultado de perspectivas individuais, múltiplas, coletivas e sem linearidade.

O enredo traz ao público-leitor a saga heroica de um vaqueiro puro de alma e exemplo de virtudes com alusão às heranças medievais e subordinação aos modelos éticos e morais indispensáveis ao ideal cavaleiresco, além da trajetória mítica pela perspectiva salvacionista, quiçá, cinematograficamente escatológica. Outrossim, isso acaba por criar o que Pierre Nora (1993) chama de “lugares de memória”, visto que as identidades (re)construídas por Elomar cristalizam momentos particulares de nossa história e articula conscientemente a ruptura do passado com os esfacelamentos, pois “há locais de memória porque não há meios de memória” (NORA, 1993, p. 07).

Para melhor analisar o espaço e os conceitos identitários assim como as memórias presentes na obra, precisamos fazer uma breve apresentação não só do autor como de sua voz autorizada no enredo e de seu personagem central, Sertano, pois as memórias e as identidades são sociais, vivas e sempre atualizadas pelos discursos dos indivíduos e, para esta pesquisa, teremos que captar como esse processo ocorre com o autor.

Elomar, desde 1980, vive em sua fazenda *A Casa dos Carneiros*, lá gravou e compôs vários de seus trabalhos exaltando o sertão e militando contra a modernidade. De renome na música, seu primeiro compacto data de 1968 e o disco *Das Barrancas do Rio Gavião*, lançado em 1972, teve a apresentação de Vinícius de Moraes o chamando de “o Príncipe da Caa-

tinga”, mas foi com os discos *Cantoria 1* e *Cantoria 2* – ambos gravados em 1984 em parceria com Geraldo Azevedo, Vital Farias e Xangai – que mais ganhou notoriedade.

Embora seja mais conhecido no mundo da música, Elomar tem se dedicado à prosa literária. Lançou em 2008 o livro *Sertanílias: Romance de Cavalaria* e, em 2016, *A Era dos Grandes Equívocos*. Hoje, com 83 anos, tem voltado aos palcos e ficado um pouco menos recluso que nos últimos 15 anos, fazendo, inclusive, *lives* em sua página oficial no *Instagram* feita em tempos de pandemia.

Aliás, tanto na música quanto na prosa, a obra de Elomar sempre foi marcada por várias identidades advindas não só do coletivo como também de suas leituras/memórias individuais, uma vez que ele dialoga com inúmeras culturas, costumes e tem um vasto repertório de conhecimento. Dito de outra forma, a linha intertextual nos servirá para compreender os entornos da construção identitária na obra *Sertanílias*, uma vez que Elomar vive no sertão e dele tira a substância para sua arte, ou seja, seu local de referência geográfica é também o de morada criativa e espiritual, o maior exemplo disso é a *Casa dos Carneiros*.

A voz autoral, no entanto, não aparece no enredo apenas nos intertextos com outras obras de Elomar. O autor cria uma espécie de super-ego tanto seu quanto do protagonista. O personagem Elomar representa a evidente metalinguagem identitária e se apresenta como presentificação autoral nos momentos diversos das passagens de Sertano na narrativa. Elomar, enquanto voz ficcional do texto, dialoga com quatro repórteres a respeito da criação do livro, de outras produções e sobre o espaço identitário do *Sertão Profundo*, nesse ínterim, temos mais um artefato a ser analisado entre as verdades instituídas pela identidade desse sertão que rompe fronteiras entre a realidade e a criação. Além do mais, para o autor, o sertão não se restringe ao Nordeste e isso é evidente em vários fragmentos do enredo em que há passagens, inclusive, em outros países, tudo pela seleção mnemônica de Elomar, afinal:

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo [...]. O fim da história-memória multiplicou as memórias particulares que reclamam sua própria história (NORA, 1993, p.17).

O autor se apropria tanto do imaginário rural quanto do medieval, atentando-se apenas aos elementos compreendidos como positivo, sendo

assim, retira certa dominação e violência para focar na honra e no respeito, ou seja, Sertano é construído pela pena do que há de melhor nos dois espaços identitários escolhidos por Elomar para a criação de um terceiro e isso é detalhado metalinguisticamente entre um elemento fantástico no enredo e uma evidência de pertencimento local e/ou artístico durante as falas do personagem Elomar, por conseguinte, os lugares de memória são materiais, funcionais e simbólicos.

Em se tratando dos três elementos em torno da memória, é significativo observar que eles podem aparecer numa mesma cena. No enredo, por exemplo, Elomar ficcional só aparece em momentos distintos dos de Sertano; logo, as personagens que mais aparecem no enredo não se encontram e isso tem tanto um efeito funcional quanto material e simbólico, pois evidenciará o jogo da escrita e o projeto autoral. Sertano, por sua vez, é um protagonista anti-herói, um vaqueiro descentrado construído pelos preceitos de um cavaleiro medieval – valentia, fidelidade e lealdade –, mas que não segue as regulações estatais. Apesar de estar preparado para todas as batalhas, prefere o diálogo ao sangue. Um dado importante é que ele nunca é mostrado no enredo de frente e é capaz de circular entre as fronteiras do sertão físico e o ficcional, tempos presente e passado, ou seja, temos a delimitação da Identidade Regional alegorizada em representatividade em Sertano, mesmo ele não seguindo o estereótipo costumeiro quer do vaqueiro de pouca ou nenhuma escolaridade quer do cavaleiro por ânsia de disputa.

Salientamos, por conseguinte, que a Identidade Regional é um conceito tracejado pela sociedade e se instaura pelos símbolos ora estruturados ora reelaborados ideologicamente para viabilizar traços singulares locais seja pelos hábitos, físicos ou sotaques sendo um recurso om enraizamento histórico e de representações coletivas.

Outrossim, ainda devemos acentuar que, no entendimento de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), cria-se uma identidade para a região tendo em vista as diferenças entre o espaço do sujeito do discurso e o outro, deixando de lado certas particularidades internas. Segundo ele, reafirma-se, às vezes equivocadamente, a imagem do Nordeste por meio de leituras anteriores pela tentativa de homogeneização materializada em alguns elementos, a citar: o heroísmo, o cangaço, o messianismo, o coronelismo, o miserabilismo. Sendo assim, pontuaremos esses elementos para, posteriormente, sobressair a imagem da região reelaborada e móvel em Sertanílias, pois o discurso regional não é somente um discurso ideológico, é uma estratégia política com táticas e objetivos a serem definidos a cada produção.

O espaço regional de Elomar, *exempli gratia*, não é situado apenas no sudoeste da Bahia, mas um espaço de encontros de culturas e dialetos e isso aparece tanto na parte da “epopeia” de Sertano quanto na “entrevista” com a mulher sertaneja em linguagem dialetal. Além do dialeto e da cultura, há espaços e fronteiras que se congregam por recursos retóricos, pela atemporalidade e por uma suspensão espacial; por isso, investigaremos dois decursos chamados de sensível (sertão-de-fora) e intangível (sertão profundo / sertão-de-dentro) por Igor Rossoni (2009/2012), pois as reflexões e a memória do autor criam um “não-lugar”, que merece ser compreendido à luz do teórico já salientado e de Simone Guerreiro (2007), outra estudiosa do sertão elomariano.

### **As identidades, os espaços e as fronteiras do sertanejo em Sertanílias**

Pela autoficção de Elomar, – voz autorizada do escritor dubiamente dentro do enredo – temos a construção do *Sertão Profundo* cuja identidade não tem delimitação de tempo ou espaço. Há, pelo contrário, uma observação dessas quebras estruturais pertinente aos enredos clássicos e, assim como a identidade fragmentária da contemporaneidade, Sertanílias apresenta ambientes fronteiriços pela hibridização do gênero textual, tendo em vista as alternâncias no enredo entre as entrevistas de Elomar e o transcorrer de uma ficção levada pelo roteiro que nos guia a Sertano em lugares atemporais e a seres fantásticos.

Noutras palavras, a autoficção na obra em estudo “pode ser, sobretudo, uma atitude crítica da narrativa entre o real e o imaginário” (PRELORENTZOU, 2017, p. 223), ou seja, uma postura do autor em definir as várias identidades de seu livro, no entanto, devemos nos atentar ao fato de que “na autoficção, um autor pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional, mas é sempre o texto literário que está em primeiro plano” (FAEDRICH, 2015, p. 48). Posto isso, afirmamos que a voz literária de Elomar no enredo é mais um artifício para respaldar a identidade em trânsito pelo *Sertão Profundo* e em plenitude literária, afinal de contas:

As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa de intimidadora de “alcançar o impossível”: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizados no “tempo real”, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude – na infinitude [...] (BAUMAN, 2005, p. 16-17).

Essa tentativa de plenitude na obra de Elomar será dada exatamente pela criação de um *Sertão Profundo*, um espaço dentro do sertão físico e em tempo real, que terá a Lagoa Quadrada como divisor de mundos, tempos e espaços, além da voz autoficcional de Elomar dentro do enredo. Essa lagoa é apresentada ao leitor da seguinte forma:

[...] Pois bem, dentre todas as paisagens do sertão, as lagoas sempre me encantaram mais que quaisquer outros acidentes deste belo pedaço de geografia [...] Se por serem a ágora de encontro de rebanhos de éguas, gado, cabras, carneiros; bebida de onça e alevantados pelas horas tardias da noite; estação de visita do Veado Branco Não sei. Só sei que, entre todas elas se destaca, nem tanto pela forma, mais, pela aura de mistério que, segundo o relato dos vaqueiros, lhe envolve: a Lagoa Quadrada (MELLO, 2008, p. 10).

Esse belo espaço que possibilita trânsito a certas personagens, a Lagoa Quadrada, é mais um mecanismo criativo do autor para evidenciar a atemporalidade desse *Sertão Profundo*, onde vaqueiros e cantadores podem ter voz e identidade reveladas, como o *entre-lugar* estudado por Bhabha (1998). Por analogia, a identidade sertânica elomariana contém as características do entre-lugar, pois este “permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do ‘povo’” (1998, p. 69), assim como o constructo do *Sertão Profundo* pode evitar as polaridades do discurso do padrão, dando espaço para as representações do povo simples e de suas regionalidades em fronteiras, alteridades e fissuras.

Em conversa com a pesquisadora, em outubro de 2013, ele mesmo diz que criou esse espaço insólito para dar voz a uma identidade sertânica que não tem mais lugar fora de sua trama, no sertão contemporâneo. Ele faz referência a um sertão propício para ser cantado, um conceito de Identidade Regional criado pelo próprio autor. O sertão físico, segundo ele, é um sertão “escravo” da tecnologia, da fila, cheia de ordens, de crimes e perversão. Sendo assim, o autor inspira-se no sertão arcaico, próximo ao ideário feudal e cria um sertão dentro do sertão físico; mas, em outra realidade, ou seja, também não se prende ao conceito homogeneizado do sertão arcaico, pelo contrário, pensa em realidades descontínuas, passagens intersticiais e na dissolução temporal. Só assim poderemos perceber as marcas identitárias em suas várias possibilidades, como as fissuras e as alteridades tratadas por Bhabha (1998).

Consoante Elomar, o *Sertão Profundo* se encontra numa dobra do espaço e do tempo dentro do sertão físico e político no Brasil, como outra dimensão – um mundo paralelo. A criação fora feita para dar trânsito e



*locus* de existência a personagens como: Naninha, Donzela Tiadora e Sertano e por que não o Elomar em *persona*?

O homônimo de Elomar, ao conversar com o jornalista Newmanne, alcunhado de Zé Paraíba, revela ao leitor como o enredo se delineou:

*Elomar*: Sempre entendi que uma sinfonia é uma viagem que se compreende de um lugar para outro, em corpo ou em espírito. Então imaginei um cavaleiro ou cavaleiros que se vão de aqui para acolá, alhures. Constatando a viagem de um primeiro galopar, um pouso para o descanso e por fim a retomada do segundo galopar até o lugar de destino. Entendendo-se aí os três movimentos do galope.

*Z.P.*: Pelo pouco que sei, pare-me que há aí nos galopes uma intenção de homenagem! Não?

*Elomar*: Claro! Neles homenageio lugares, cidades de nosso Sertão a partir de malungos que dali são. Vervi gratia, o I Galope Estradeiro [...] (MELLO, 2008, p. 30-31).

Se a viagem de Sertano ocorre entre as dobras do tempo, podemos compreender o “galopar” em seu sentido duplo: ora pelo trotar rápido do cavalo do vaqueiro, ora como o martelo-galopado dos cantadores do Nordeste, mais uma marca identitária. Inclusive, já na prefala, corruptela para prefácio, Elomar descreve Sertano e sua indumentária, o protagonista porta uma pistola de pirata, um facão cimitarrado e é um guerreiro pronto para combates e campos de justas, mas que prefere sempre o poder da palavra e as cantorias que escuta por onde passa. As vestes de Sertano evidenciam a típica imagem identitária do vaqueiro, pois: “o cavaleiro em trajes de vaqueiro leva sobre os ombros uma capa à guisa de gibão de couro curtido. Na cabeça, um chapéu de mateiro de abas largas. Calça de brim em tecido fornido, calçando um roló de cano longo” (MELLO, 2008, p. 17).

O tom enigmático em torno de Sertano é outro elemento a ser compreendido, pois:

ao desapiar do cavalo ou antes até, e antes do rosto de Sertano, o cavaleiro começa a ser definido em traços, a câmara evita filmar-lhe de frente. No nível inferior, apanha-o do peito para baixo. Não só nesta como em todas as outras situações de cenas, o rosto de Sertano jamais será mostrado em definição. Sempre será filmado de costas, de perfil, ao longe; sempre, no máximo, do queixo para baixo; quando de perfil ou de frente mais próximo, na chamada “hora mágica”, de madrugada ou ao anoitecer (MELLO, 2008, p. 17-18).

Embora o leitor não tenha detalhes da fisionomia de Sertano, sabemos que o sertão é a sua casa, que ele forjado no aço, disciplinado no

ferro e não chora, características predeterminadas ao homem do sertão. Apesar de reproduzir esse estereótipo de homem forte do Nordeste, ele tem muita leitura e fala até latim, mas prefere a variante regional. Aliás, pelo dialeto, Elomar

[...] formula conceitos próprios da região e afirma-se como intelectual erudito que articula conhecimento sobre história, cultura popular, política, religiões, língua e literatura, principalmente, de tradição latina. Como intelectual e pensador, possui lugar sacralizado na sociedade e representa a comunidade cultural sertaneja ou, mais especificamente, “sertaneza” [...] (GUERREIRO, 2007, p. 55).

Essas demarcações regionais pela linguagem aparecem como importantes tanto na postura do autor, quanto do Elomar ficcional e de Sertano. No primeiro, por toda a obra construída, não apenas no enredo em estudo; no segundo, ao chamar uma mulher simples para o fechamento das entrevistas, Anactória; e, no terceiro, quando ele sempre salienta a “boniteza” do dialeto que encontra pelo caminho.

Se a beleza do dialeto é exaltada, assim também temos com os lugares, animais, costumes e pessoas, pois a “câmera” sempre divaga pelos currais, gado, peões, homens e mulheres em suas rotinas diárias e depois torna a entrecruzar cenas com as imagens das botas ora de Elomar ora de Sertano.

Pela metonímia das botas, Elomar e Sertano caminham pelo e para o sertão numa simbiose entre criador e criatura, afinal, entre o real e o imaginário, são consubstanciados conceitos embebidos de verossimilhança, os quais se solidificam pela autenticidade ficcional regionalista. Lembremo-nos, pois, que as botas também representam uma metáfora de que a “realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante” (CANDIDO, 1989, p.158).

Mormente, se a identidade nacional põe em questão as diferentes identidades regionais no país, a visão moderna, por outro lado, evidencia uma perspectiva pelas diferenças; logo, a imagem da região necessita de estratégias diversificadas e móveis, pois “o discurso regionalista não é apenas um discurso ideológico, que desfiguraria uma pretensa essência do Nordeste ou de outra região. O discurso regionalista não mascara a verdade da região, *ele a institui?*” (ALBUQUERQUE, 2011, p.62).

Disto isso, pelo discurso regionalista já evidenciado, Elomar institui a verdade em uma contínua transgressão de fronteiras e, à luz dos Estudos de Bauman (2005), notamos a busca por uma âncora regional

pela produção de um tempo que não pode ser o passado nem o presente, o que mostra uma consciência do subdesenvolvimento, como diria Candido (1989), e acaba por ratificar a ideia de um sertão insólito/fantástico e se adequando às noções do entre-lugar de Bhabha, já que há a construção do Terceiro Espaço, pois:

Em vez da consciência simbólica que dá ao signo da identidade sua integridade e unidade, sua *profundidade*, nos deparamos com uma dimensão de duplicação, uma espacialização do sujeito, que é ocluído na perspectiva ilusória do que denominei a “terceira dimensão” do enquadramento mimético ou imagem visual da identidade. (BHABHA, 1998, p. 84)

As representações dúbias entre o autor ficcional e o protagonista, inclusive, permitem que se expressem alternadamente, no padrão culto da língua portuguesa e em “língua dialetal sertaneza”, vozes do mundo medievo lido pelo autor, assim como a construção de um sertão fantástico, ambos pela postura de Elomar e pela sua autoficção. No dizer de Rossoni, Elomar “ultrapassa demarcações físicas e geográficas meramente regionais” (2008, p. 01), além de seu protagonista Sertano se deparar com seres do presente, do passado, da história e de causos contados de geração em geração tudo pela verossimilhança interna e pela marca autoral.

Além das personagens significativas já estudadas, podemos citar outras de relevância nesse entre-lugar de *Sertanílias* em diálogo entre memória e história, ambas em função do encadeamento literário e identitário do escritor: Ôra – espécie de oráculo, imagem mística que orienta Sertano –; o veado branco, a grande cobra e o grande cão – seres lendários do sertão –; o “Ferrêro” – representante do maligno –; Russo Pombo – cavalo místico e alado de Sertano –; Saltamoita, Tinga, e Caçulo – ecos do banditismo em tempos de seca e derrocada de uma sociedade coriácea –; Esopo e Fedro – fabulistas da Grécia e de Roma, respectivamente –; Urano e Zurai – irmãos de Sertano e vendidos como escravos –; assim como violeiros, tropeiros, cantadores etc.

Algumas dessas personagens são encimadas pelo terceiro momento do regionalismo, chamado por Candido de “Super-regionalismo”, por aproveitar a substância do nativismo e do exotismo da primeira fase, descartar o sentimentalismo e se utilizar do documentário social, conforme o segundo momento e, por fim, utilizar-se de elementos não-realistas e técnicas anti-naturalistas para transfigurar um regionalismo com característica universal. Sendo assim, “é possível superar o realismo para intensificar o senso do real; como é possível entrar pelo fantástico e comunicar o mais

legítimo sentimento do verdadeiro; como é possível instaurar a modernidade da escrita dentro da maior fidelidade à tradição da língua e à matriz da região” (CANDIDO, 1989, p. 206).

Todorov, por sua vez, deixa evidente que “o fantástico não pode subsistir senão na ficção” (TODOROV, 2014, p. 68), ou seja, só existirá pela verossimilhança interna, nunca externa, como ocorre com várias personagens em *Sertanílias*, como notaremos com a apresentação do canoieiro e da Cobra Grande:

E na manhã seguinte num fenômeno inusitado, o São Francisco amanhece envolto em grosso nevoeiro, o qual cobre a superfície das águas por completo. Então, ouviu-se um roçar de remo cortando a flor das águas dentro do branco manto do russo. É quando desponta ao longe uma estranha e bela figura de um canoieiro que vem se aproximando da margem do rio [...]” (MELLO, 2008, p.133-134).

Vale lembrar que, para Todorov (2014), há três gêneros vizinhos: o fantástico, o estranho e o maravilhoso. Em *Sertanílias*, essa linha não é tão fácil de ser observada, pois temos traços do *fantástico*, já que o teórico deixa clara a necessidade de uma incerteza, reflexo de uma hesitação. No entanto, também temos enfoques do *estranho*, pois esse se realiza pelo medo e por ambiguidades que podem ser desfeitas, diferente do fantástico. Enfatizamos, porém, a condição do fantástico, já que teremos a apresentação de um ser sobrenatural, como se evidencia no fragmento que segue:

Desferindo um agudo e forte assobio, do fundo das águas ouviu-se junto à grande turbulência um som gravíssimo e estranhamente horrípilante. De repente, as águas foram se abrindo e apareceu do gigante, lombo e após, a enorme cabeça com a boca escancarada, fauces mostrando-as por completo: A Cobra Grande. Indescrevível foi o assombro dos peões e do próprio Sertano que mal conseguia disfarçar a mortificação [...] (MELLO, 2008, p.134-135).

Impulsionada pela perspectiva fantástica, notamos que a linha autoral pode demarcar, como salienta Rossoni (2012), dois espaços trilhados pelas personagens elomarianas: o sensível e o intangível, respectivamente o “sertão-de-fora” e o “sertão profundo/“sertão-de-dentro”, ambos os conceitos para proporcionar uma alocação possível dentro da perspectiva da Identidade Regional (re)elaborada pelo autor.

### Considerações finais

Conforme evidenciado, o enredo em estudo é poliformo, uma vez que o autor é indiferente aos protocolos que costumam subordinar um texto a determinado gênero e, por exemplo, cinema e literatura se mesclam pelo jogo do roteiro autoficcional da seleção, ampliação, reconstrução e invenção, processos construtivos salientados por Prelorentzou no projeto de autofabulação.

Além disso, pelo prisma do fantástico como elemento válido para o leitor chegar à instituição do conceito do *Sertão Profundo*, depreendemos algumas perspectivas para a Identidade Regional pela produção de Elomar Figueira de Mello e hesitações do enredo, condição fundamental para o fantástico conforme observamos em Todorov. Não afirmamos aqui que existam apenas as identidades criadas pelo autor em *Sertanílias: Romance de Cavalaria*, afinal as Identidades Regionais, assim como as Nacionais, são móveis e inconstantes; porém, pela autoficção elomariana conhecemos uma identidade atemporal e múltipla circunstanciada pelo super-regionalismo, que tende a ser um projeto politizado, ou seja, um regionalismo crítico, como sancionou Candido.

Dessarte, se a fronteira identitária é compreendida pelos cruzamentos entre espaço e tempo, conforme afirma Bhabha, podemos asseverar que as articulações do romance elomariano são como novas maneiras de pensar o sertão, sem esquecer que elas são construções do autor, mas influenciadas pelas memórias do passado e pelas vivências no presente, ou seja, não é um elemento isolado de escritura, mas um complexo núcleo fundamentado pelas linhas do performático do Terceiro Espaço em que a tradição e a modernidade ora se juntam ora se repelem para intelecção e conveniência do escritor.

### REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

FAEDRICH, Anna. **O conceito de autoficção: Demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea.** Itinerários, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/554>> Acesso em: 5 nov. 2019.

GUERREIRO, Simone. **Tramas do sagrado: a poética do sertão de Elomar.** Salvador: Vento Leste, 2007.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** In: Projeto História: revista do programa de pós-graduados em história, São Paulo, 1993. pp. 07-28. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>> Acesso em: 2 set. 2019.

PRELORENTZOU, Renato. **A personagem de autoficção: anotações de uma hipótese para textos futuros.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 52, n. 2, p. 214-223, abr.-jun. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/lh/v52n2/0101-3335-letras-52-02-0214.pdf>> Acesso em: 8 out. 2019.

ROSSONI, Igor. **Tessituras transfiguradas: O espaço do não-lugar em Elomar Figueira Mello e Manoel de Barros.** Disponível no endereço eletrônico: <[http://www.ablalic.org.br/cong2008/anaisonline/simposios/pdf/034/IGOR\\_ROSSONI.pdf](http://www.ablalic.org.br/cong2008/anaisonline/simposios/pdf/034/IGOR_ROSSONI.pdf)> Acessado em fevereiro de 2020.

ROSSONI, Igor. **Cenas Brasileiras: ensaios sobre literatura.** Salvador: Vento Leste, 2012.

SILVA, Tatiana. Cíntia. **O sertão encantado pelo aedo elomar: metáforas da saudade** / Tatiana Cíntia da Silva. Tese (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014. Disponível no endereço eletrônico <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11216/2/TATIANA\\_CINTIA\\_SILVA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11216/2/TATIANA_CINTIA_SILVA.pdf)> Acessado em novembro de 2020.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** São Paulo: Perspectiva, 2014.